

Apoio



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

Realização



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação



Este livro integra a Coleção Juvenil MAIS PAIC MAIS LITERATURA, composta de crônicas, contos, novelas, romances, cordéis e poesias. Escrita e ilustrada por autores do Ceará, ela traz aventuras desafiadoras, existenciais, em cenários da cultura e da história local. Sua temática constitui estímulo a mais para se ler e dialogar nos Clubes de Leitura dos 6º e 7º anos das escolas públicas do Ceará.

Saiba mais: <http://www.paic.seduc.ce.gov.br>

ISBN 978-85-8171-226-0



9 788581 712260

VENDA PROIBIDA

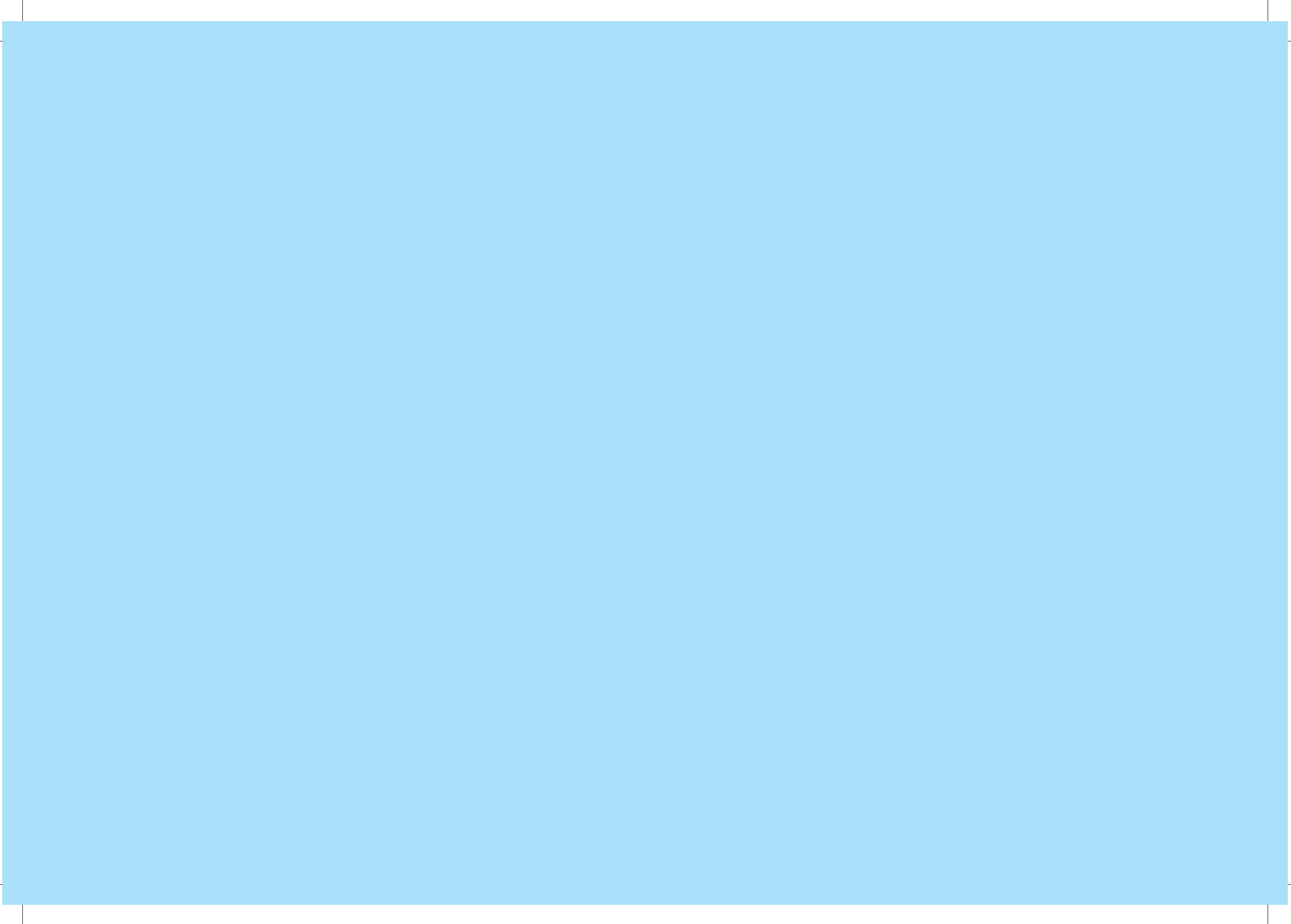
Arlene Holanda

Ilustrações Suzana Paz

TESOURO DE GREGO



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação





Arlene Holanda
Ilustrações Suzana Paz

TESOURO DE GREGO



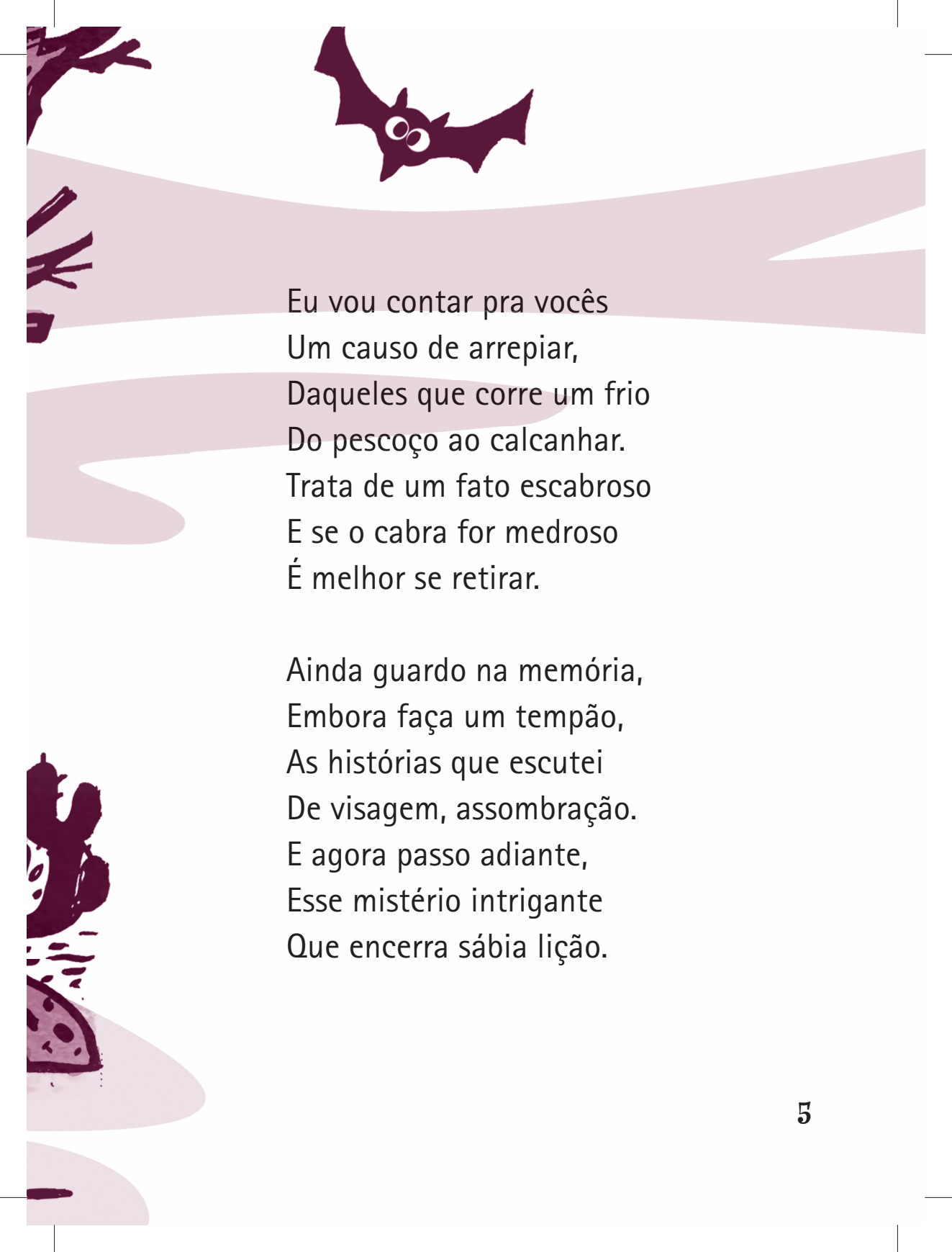
GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação

Fortaleza • Ceará

*Para Zé Lopes e Pastorinha, que me iniciaram
nesse mundo mágico das histórias.*

Ler é re-inventar mundos, acender a imaginação.





Eu vou contar pra vocês
Um caso de arrepiar,
Daqueles que corre um frio
Do pescoço ao calcanhar.
Trata de um fato escabroso
E se o cabra for medroso
É melhor se retirar.


Ainda guardo na memória,
Embora faça um tempão,
As histórias que escutei
De visagem, assombração.
E agora passo adiante,
Esse mistério intrigante
Que encerra sábia lição.

É uma história famosa
Sobre a lenda da botija,
Corre por todo o sertão.
E não há quem me corrija:
Quase em todo logradouro
Tem caso sobre tesouro,
Em baú ou em cornija.

Cada casa de fazenda
Dos povoados locais
Guarda segredo escondido
Em tijolos e beirais.
Mistérios, encantarias,
Moedas e pratarias
Da terra do nunca mais.

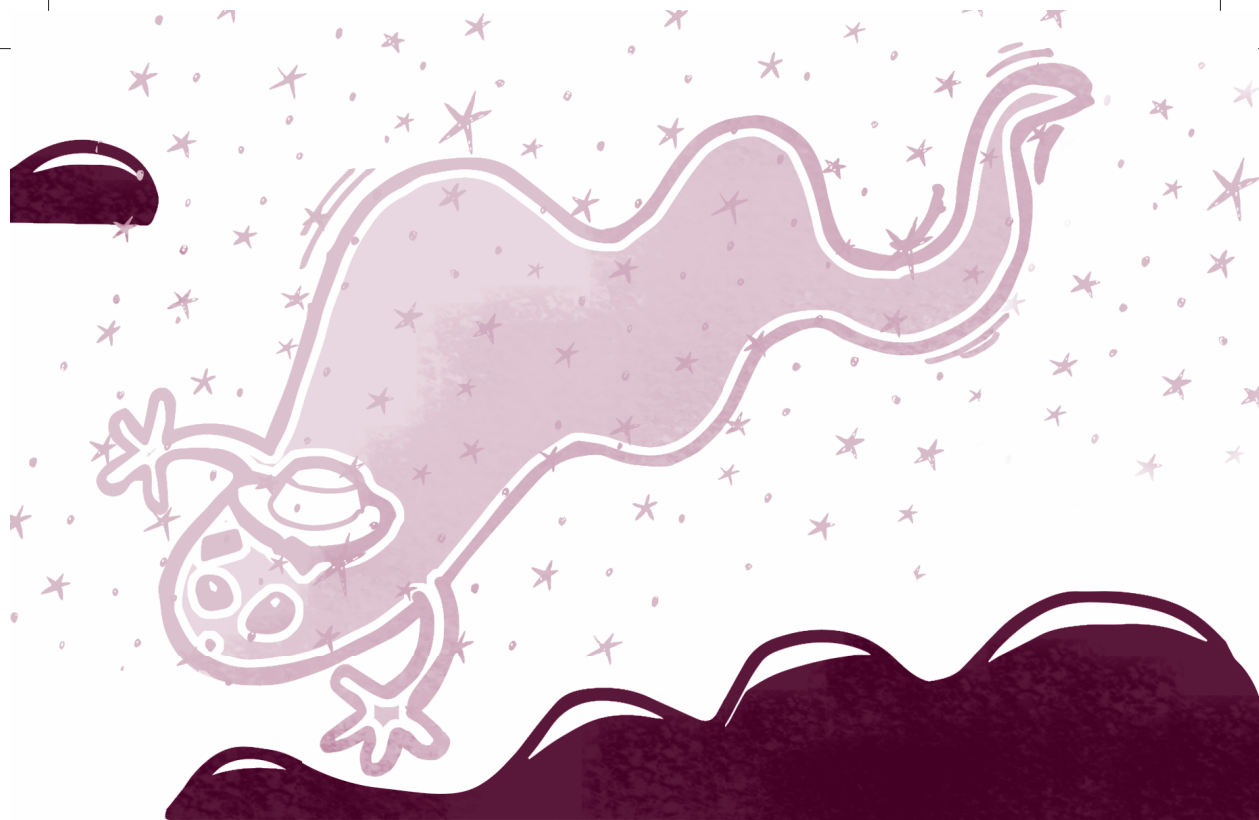
No sertão antigamente
Não se tinha proteção,
Forasteiros, bandoleiros
Faziam devastação.
Cada um se defendia
Da maneira que podia,
Por este vasto rincão.

Por isso que muitos homens
Das terras desse lugar
Guardavam seu ouro, prata
E para ninguém roubar.
Por avareza e por medo
O enterravam em segredo
Que a morte vinha levar.



Diz a lenda popular
Que quando o dono morria
Sem revelar a botija,
Sua alma aparecia
Dando tudo a um camarada,
Pois nessa nova morada
Ouro de nada servia.





Mas pra isso era preciso
Muita coragem de quem
Recebia a incumbência
Desse fantasma do além.

✧ Pois havia condições
E penosas provações
Que não agradam a ninguém.

Pra começar essa história
Se o sujeito for medroso
É melhor ir desistindo,
Pois o quadro é assombroso,
Precisa de muita calma,
De não ter medo de alma
Pra sair vitorioso.

A tal pessoa escolhida
Pra cumprir essa missão
Padece de toda sorte,
De assombro, aparição.
Difícilmente resiste
E quase sempre desiste,
Sumindo na escuridão.

Mas há quem tenha coragem
E enfrente essa parada.
E depois da provação
Vem a parte desejada:
A conquista da riqueza
De viver na realeza
Poderá ser desfrutada.





Um fato bem curioso
Também merece menção:
Imaginem que o sujeito
Teve em sonho a instrução,
Mas já quis trapacear
Ao espírito enganar,
Modificando a missão.

Resolver "adaptar"
Algumas das condições
Pra que ir à meia-noite
Hora das aparições?
Melhor ir na claridade
Com toda tranquilidade
Para evitar as visões.

Chegando ao local marcado
Este começa a cavar:
Cava tanto que o buraco
Parece o mundo varar.
E nem sinal do tesouro
Só aparece besouro
Para o sujeito assombrar.

Essa mesma lenda tem
Uma segunda versão:
A pessoa acha o tesouro
Fica feliz de montão,
Mas no momento que pega,
O ouro se desintegra
E se transforma em carvão.

A história que conto agora
É um pouco diferente,
Desde criança eu escuto
Da boca de muita gente,
Você pode botar fé,
Garanto que o caso é
Deveras surpreendente.

Três quixabeiras serviam
Para marcar o lugar
E nas entranhas da terra,
Bem difícil de se achar,
Havia grande riqueza
Cuja imensa grandeza
Nem se pode imaginar.

Muita gente já sonhou
Com essa botija maldita,
Sonhos claros, assombrosos
No escuro da noite aflita,
Mas o que parece sorte
Pode terminar em morte,
Pode acabar em desdita.

Três noites o sonho seguido
Se não contar a ninguém
E tiver muita coragem,
No terceiro a alma vem,
Indicando as coordenadas
Com dicas bem acertadas,
Mas ainda tem um "porém."

Pra arrancar essa botija
Existe uma condição,
A descrição é bem clara:
Três árvores, casa, portão
E vem a grave ameaça
Que parece até trapaça
E a ninguém agrada não.



No sonho a voz cavernosa
Vem assim anunciar:
"O trio de companheiros
Que essa empreitada topar
Será vítima da ambição,
Vão cometer traição,
Só um dos três vai restar."



Por conta desse detalhe
Ficava bem complicado
Encontrar quem enfrentasse
Problema tão agravado.
E ninguém fazia conta
Dessa riqueza de monta
Do tal tesouro ofertado.

Mas um dia o Aderbal,
Um tipo bem corajoso,
Sonhou com essa botija
E, como era bem tinoso,
Chamou dois de seus parceiros,
Seus melhores companheiros,
Pra esse trabalho assombroso.

Como nesse mundo existe
Todo tipo de sujeito
Aderbal, João e Zé
Juraram arranjar um jeito
De toda essa maldição,
Sem nenhuma hesitação,
Logo tornar sem efeito.

Aderbal argumentava:
"Somos amigos leais,
Nunca tivemos contendas,
Jamais seremos rivais.
Eu sei que isso é bobagem
Se não tiverem coragem,
Vocês são frouxos demais."



Os dois amigos toparam,
Partiram para a missão,
Reuniram ferramentas
E seguindo a instrução,
Empreenderam viagem
Naquela erma paisagem,
Bem no fundo do sertão.

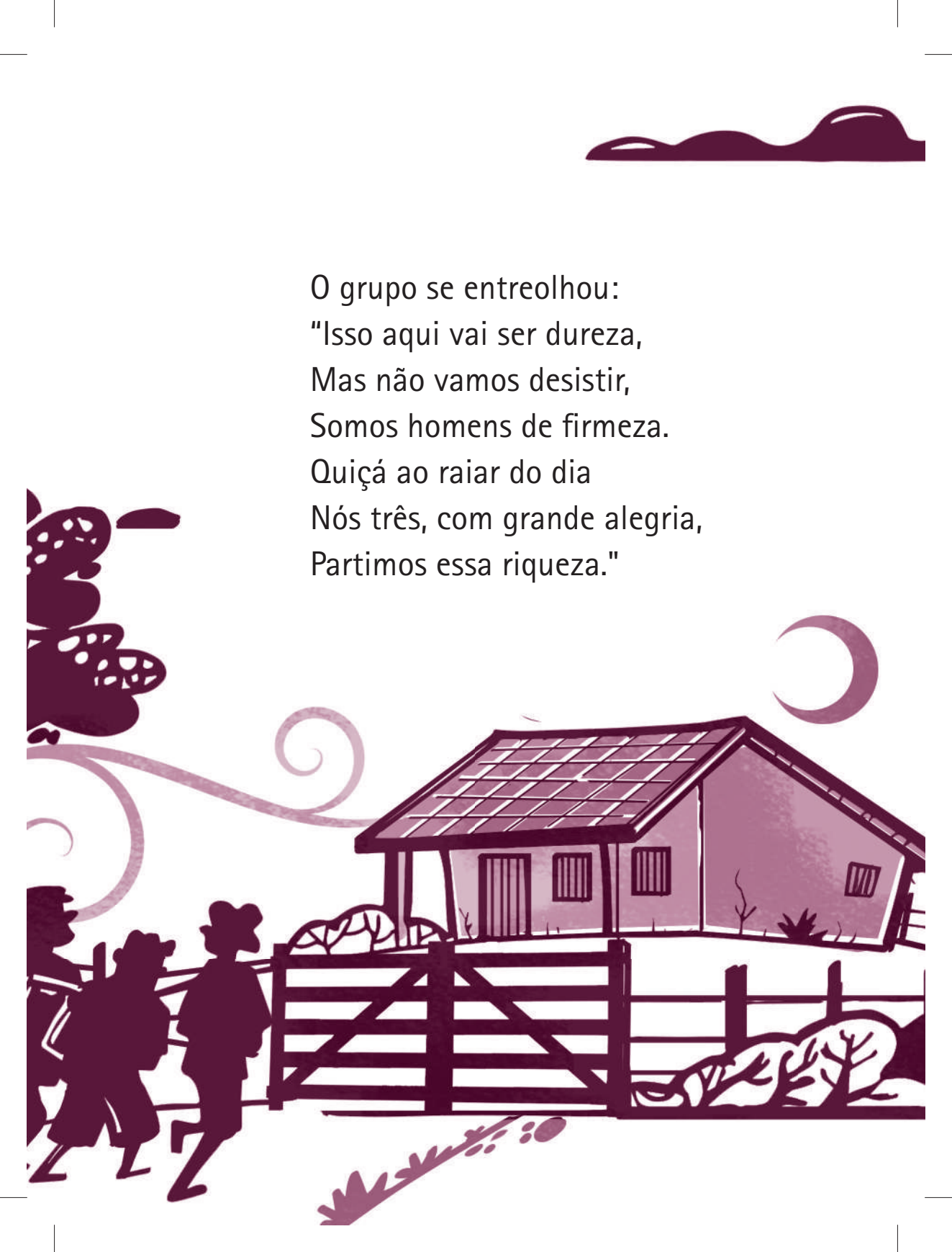
A lua estava minguante,
Soprava uma fria aragem,
Uma coruja piava
Escondida na ramagem
De uma grande catingueira,
Cuja folhagem altaneira
Embelezava a paisagem.

Rumaram pelas veredas
Estreitas e tortuosas.
Era tempo de estio
E as rochas cavernosas
Tinham grande dimensão,
Conferindo a esse rincão
Nuanças bem escabrosas.

Muito depois avistaram
Uma casa iluminada,
Por uma luz tão potente
Que mesmo estando fechada
Se entrevia pelas frestas,
Pelas portas e arestas
Da madeira desgastada.

O trio seguia firme
E à medida que avançava
Sentiram o forte mau cheiro
Que o casarão exalava:
Podre, cavernoso, imundo,
Uma coisa do outro mundo,
Que aos três asfixiava.





O grupo se entreolhou:
"Isso aqui vai ser dureza,
Mas não vamos desistir,
Somos homens de firmeza.
Quiçá ao raiar do dia
Nós três, com grande alegria,
Partimos essa riqueza."

Começaram a escavar
Já perto da noite-meia,
Então um vento gelado
Revolveu a fina areia
E o pó do pátio escaldado,
Num rodopio assombrado,
No espaço serpenteia.



Continuaram cavando
Já era fundo o buraco
Quando a enxada bateu,
Dando um grande sopapo.
Os três falaram na hora:
"A pobreza foi embora
O tesouro tá no papo."



Foram puxando o baú,
OuvIU-se um estalo agudo
E depois de muito esforço,
O pesado conteúdo
Foi para cima trazido,
Fazendo grande estampido
E o trio então ficou mudo.

Estavam impacientes
E abriram o baú com pressa,
Como já era previsto
Moedas havia à beça,
Cordão de ouro, punhal
Que enchia um embornal
E João falou depressa:

"O punhal quero para mim,
Pois eu vivo no perigo."
Ora pois, eu também quero!
Falou o segundo amigo,
Mas Aderbal protestou:
"Sou o chefe!", retrucou:
"A arma fica comigo!"

O clima ficava tenso
À medida que o tesouro
Revelava-se aos três,
Com tantas joias de ouro.
E assim a profecia
Em uma lenta agonia
Foi cumprindo seu agouro.

O Zé falou apontando
Um valioso cordão:
"Este aqui eu vou ficar
Para dar a Conceição,
A minha noiva querida,
Minha dama preferida
E disso não abro mão."


João, retrucou, desdenhando:
"Minha Anita é mais bela,
Quanto a sua Conceição
Muita gente fala dela:
Namorou pra mais de cem,
Também já ouvi de alguém
Que até "mexeram" com ela."

Zé segurando um cutelo
Partiu para ferir João.
Golpeou-o na cabeça
Com grande sofreguidão.
O sangue logo brotou,
Passaporte "carimbou"
Para a divina mansão.



Logo Zé e Aderbal
Começaram a disputar
O tal do punhal de ouro
E este veio a se cravar
Bem no peito de José
E antes que este desse fé,
Começou a agonizar.





Por um bom tempo, Aderbal
Contemplou o conteúdo
Do grande baú de couro.
Contando tudo a miúdo
Depois murmurou consigo:
"Não preciso de amigo
Virei um peixe graúdo!"


Começa a fazer esforço
Para o baú arrastar,
Mas viu que essa tal ação
Não pode concretizar.
Ficou meio acabrunhado,
Pois o seu tesouro amado
Não podia carregar.

Decidiu voltar na vila
E lá comprar um jumento.
Com ajuda do animal
la cumprir seu intento.
Remorso nenhum sentia,
Só uma imensa alegria,
Um grande contentamento.


A luz sobrenatural
Parecia mais intensa.
Aderbal ainda vê,
Na atmosfera densa,
A agonia de morte
Daquele amigo sem sorte,
Mas nesse clamor não pensa.

Caminhando na vereda
Pensava bem decidido
Vou resgatar meu tesouro.
Esqueço esse acontecido,
Pois estou podre de rico.
Pobre nunca mais eu fico,
Meu sucesso é garantido.





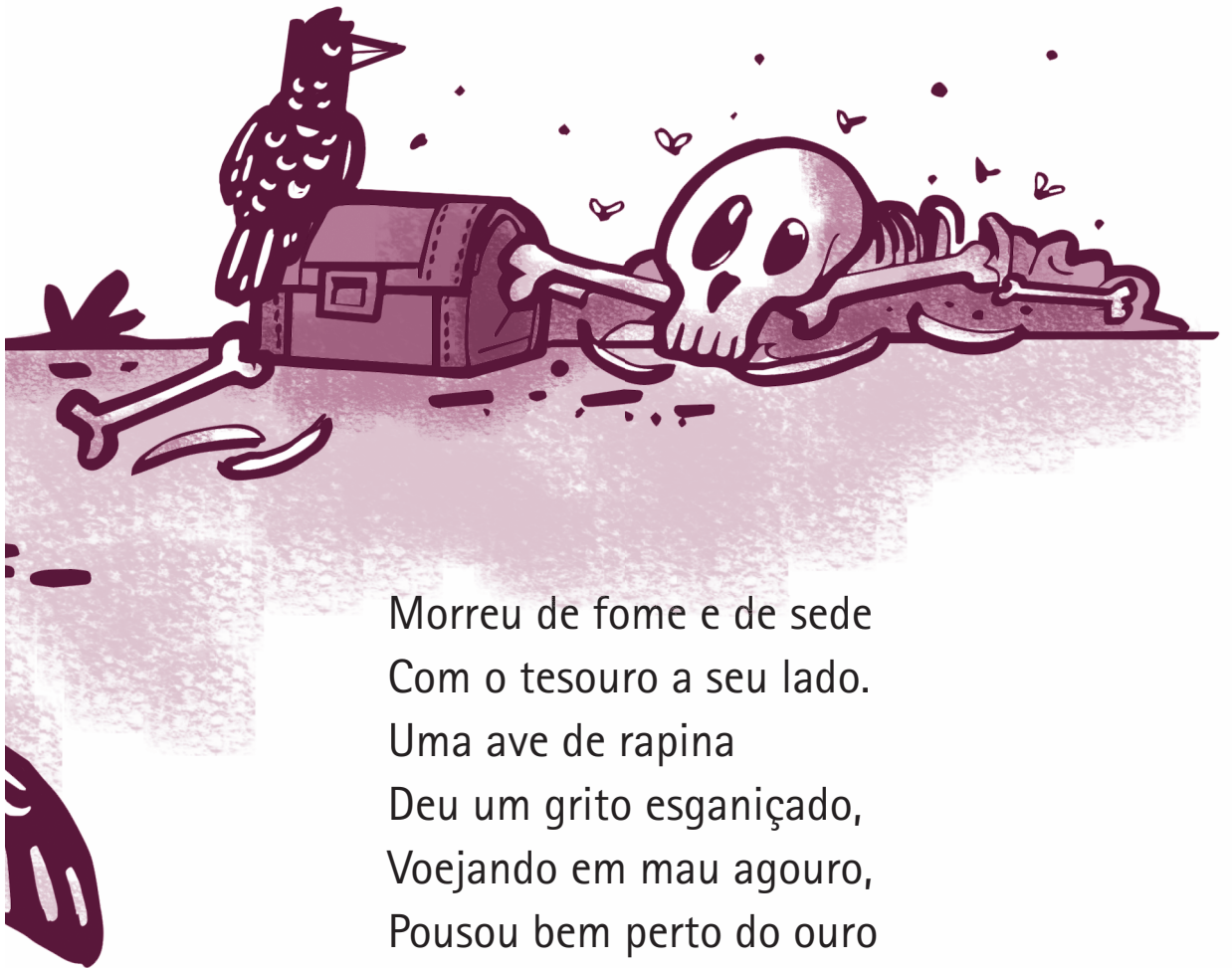
Caminhou a noite toda,
Mas de manhã concluiu:
Estava nos arredores,
Pois a casa logo viu.
Muito tempo tinha andado,
Mas por feitiço encantado
Do derredor não saiu.



Veio a fome, veio a sede
E ninguém pra socorrer.
Os corpos dos dois amigos
Começavam a apodrecer,
Servindo aos vermes de pasto,
Lembrando o crime nefasto
Que viera a cometer.

Aderbal foi definhando
Em uma lenta agonia,
Perto do baú repleto
Que agora lhe pertencia.
Isso tudo era hilário,
Pois nesse novo cenário
Já não tinha serventia.





Morreu de fome e de sede
Com o tesouro a seu lado.
Uma ave de rapina
Deu um grito esganiçado,
Voejando em mau agouro,
Pousou bem perto do ouro
E do corpo do finado.

Quando esse acontecido
Já passava de um mês,
Começaram a virar mundo
Procuraram pelos três.
Mas desse lugar daninho
Onde a morte fez seu ninho,
Ninguém lembrou dessa vez.

Quando estava campeando
Um dia, certo vaqueiro
Ao passar nessa paragem
Avista um clarão de esgueiro,
Vai logo se aproximando
E o lugar examinando
Assustado com o cheiro.

Os três corpos ressecados
Viu no pátio da morada,
Debaixo das quixabeiras.
Naquela área ensombrada
Pensou: vou dar sepultura
Porque toda criatura
Não pode assim ser largada.

Logo notou o buraco,
O baú e o punhal,
A arma que dera fim
Ao amigo de Aderbal,
Que por causa da ambição
Foi vítima de traição,
Se transformando em rival.

O vaqueiro ensimesmado
Os cadáveres enterra
Juntamente com o baú.
E os tesouros que este encerra
Num buraco bem profundo
E nunca mais nesse mundo
Quis pisar naquela terra.






Depois do trabalho feito,
Com folhas tudo cobriu,
Fez uma breve oração.
Fincou cruzes e partiu
Pra longe desse rincão,
Montado em seu alazão
Entrou na mata e sumiu.

A história desses três
Boca a boca foi correndo,
Narrando o que aconteceu
Naquele cenário horrendo.
E a alma do coronel
Em tenebroso tropel
Continua padecendo.

Pois essa sua ambição,
De maneira ensandecida,
Foi sua condenação.
Castigo sob medida,
Essa avareza, esse apego
Não lhe deu nunca sossego
Nem após findar sua vida.

Por isso pensem direito,
Aprendam essa lição
De que "botija" maior
Nós temos no coração,
Que pode ser repartida,
Ofertada, dividida
Com a multiplicação!





Vamos viver o presente,
As coisas compartilhar,
Pois, mais dia menos dia,
A morte vem nos buscar.
E qual preciosidade
Em qualquer tempo e idade
Podemos carregar?



Arlene Holanda

Nasceu em Limoeiro do Norte, no Ceará, mas ainda adolescente mudou-se para Fortaleza, onde até hoje reside. O universo do sertão, as histórias ouvidas de seus pais nas noites desfiadas no alpendre modelaram sua escrita, ancorada na cultura tradicional. É graduada em História, especialista em Artes Visuais e Metodologias do Ensino de História e tem curso de aperfeiçoamento em História da África. Além de escritora, atua também como produtora cultural, educadora, ilustradora e designer. Escreve em variados gêneros e estilos literários. Tem mais de 50 livros publicados, entre literatura (adulto, infantil e juvenil), didáticos e obras complementares. Dez títulos de sua autoria foram selecionados para compra em editais do MEC (PNBE e PNLD) e três pelo programa Leituras em Sala de Aula, da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. É ganhadora de vários prêmios e editais: da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, Ministério da Cultura, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará e de Fortaleza.



Suzana Paz

Olá, nasci em Fortaleza, Ceará. Além deste, illustrei vários livros para crianças, *Diário do Sol* e *Vende-se uma família*, pelas Edições Demócrito Rocha, e *Chuí, Chuí, Buá, Buá*, pelo Armazém da Cultura. Gosto de desenhar, e desde que eu era criancinha, nunca deixei de criar um mundo colorido de histórias e personagens mágicos. Saiba mais de mim: <http://suzanapaz.blogspot.com.br/>.